

ARTIGO

A importância dos grupos hoje

Waldemar José Fernandes¹

Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares - NESME

RESUMO

O autor expõe questões introdutórias - sobre os grupos, os vínculos e a psicanálise vincular e faz uma classificação do trabalho grupal - enfatizando as abordagens com finalidades operativas e com abordagens terapêuticas.

A seguir, explicita diferenças básicas entre os grupos de discussão e grupos de reflexão, duas importantes modalidades de grupos operativos.

Finaliza mostrando a visão geral dos grupos hoje e qual sua importância futura.

Palavras-chave: Grupos-conceito e importância; Agrupamentos; Vínculos; Diferentes objetivos dos grupos.

The importance of groups today

ABSTRACT

The author shows introductory questions – about the groups, the links and the link psychoanalysis, and he makes a classification of the group work. He emphasizes the approaches with operative objectives and with therapeutic approaches.

Next, he points out basic differences between the discussion groups and the reflection groups, two important kinds of operative groups.

To conclude, the author gives a general view of the present groups and their future importance.

Keywords: Concept groups and importance; Groupings; Links; The groups' different goals.

La importancia de los grupos de hoy

RESUMEN

El autor expone cuestiones introductorias – sobre los grupos, los vínculos y el psicoanálisis vincular y hace una clasificación del trabajo grupal – enfatizando los abordajes con finalidades operativas y con abordajes terapéuticos.

A seguir, explicita diferencias básicas entre los grupos de discusión y grupos de reflexión, dos importantes modalidades de grupos operativos.

Finaliza mostrando la visión general de los grupos de hoy y cuál es su importancia futura.

Palabras clave: Grupos; Concepto e importancia; Agrupamientos; Vínculos; Diferentes objetivos de los grupos.

INTRODUÇÃO - GRUPO E AGRUPAMENTO

Aprender a conviver com *o outro* - com as diferentes formas de pensar e de sentir - é o desafio que temos de enfrentar nos dias de hoje, já que, cada vez mais, ninguém poderá sobreviver individualmente. São tempos de agrupamento. Eu disse agrupamento? Agrupamento ou grupo?

Consideramos que há um agrupamento, quando existe um conjunto de pessoas que compartilham do mesmo espaço, com objetivos comuns, como as que aguardam em fila à chegada de um ônibus.

Apesar delas não manterem qualquer vínculo, basta que exista um incidente qualquer, como um pneu furado ou assalto, para *transformar esse agrupamento em um grupo*, pois haverá interação – uma experiência emocional compartilhada. Esse grupo irá trabalhar junto para realizar o que for preciso para sanar o problema. Assim, é fazendo vínculos - na interação afetiva e comunicacional - que se configura o grupo.

Concluimos que Grupo é *uma forma específica de agrupamento em que ocorrem interações vinculares*.

O PROCESSO COMUNICATIVO VINCULAR E A PSICANÁLISE DOS VÍNCULOS

A Psicanálise dos Vínculos é uma forma de organizar conhecimentos existentes e abrir um campo de estudo amplo a respeito da Psicanálise, abrangendo *os grupos em geral, famílias, casais e instituições*. A Psicanálise Vincular pode ser a base do estudo dos grupos tanto com finalidades terapêuticas quanto com finalidades não terapêuticas, pois, pode-se ter uma *compreensão psicanalítica dos fenômenos grupais*, e, posteriormente, tomar a decisão, enquanto coordenadores, de *atuar afinados com as finalidades propostas*.

CONCEITO DE VÍNCULO

Há divergências que alguns autores deixam explícitas e outros, apenas implicitamente, causando certa confusão conceitual, mas, para mim *vínculo é uma estrutura relacional entre duas ou mais pessoas e também entre partes da mesma pessoa, situação onde ocorre uma experiência emocional. Há sempre três dimensões nessas inter-relações, mas pode predominar qualquer uma delas, dependendo do momento: intra-subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva.*

1. A dimensão **intra-subjetiva** abrange a inter-relação dos objetos internalizados, como se vinculam consciente, pré-consciente e inconsciente, os pensamentos com os sentimentos, id, ego e superego, os grupos internos entre si e assim por diante.

2. A **intersubjetiva se refere** às diferentes formas de como cada um de nós se relaciona com os outros.

3. Já a dimensão **transubjetiva** tem a ver com as diversas modalidades de vinculação com as regras, leis e valores, com a sociedade e a cultura de cada região e com as fantasias inconscientes que todos compartilhamos, contidas nos mitos, lendas, e demais narrativas de origem e produção grupal.

Na psicanálise dos vínculos damos muita importância à presença do “outro real externo”, que fortalece o ego e nos esclarece concretamente sobre a presença do outro, que é diferente de nós, e com quem teremos de conviver, tanto com relação às partes desconhecidas que temos dentro de nós, como também à alteridade que encontramos na cultura, nas instituições e na sociedade.

Poderíamos dizer então, que essa é a maior característica do trabalho com o dispositivo vincular: **trabalhar com as diferenças o tempo todo**; por isso, a presença do outro tem um peso especial. No grupo, quando alguém tem uma fantasia sobre outro participante, além de uma investigação sobre as questões transferenciais pode-se confrontar a informação com a realidade. De fato, raramente alguém deixa passar em branco algo a seu respeito que não lhe pareça real, logo corrigindo e esclarecendo o mal-entendido. Esclarecer mal-entendidos é uma das coisas mais necessárias na vida, e tem no grupo um dispositivo muito favorecedor.

COMO TRABALHAR O VÍNCULO?

Na relação grupanalítica, os vínculos entre os diversos participantes e com o coordenador ocorrem principalmente através da comunicação verbal, mas são muito importantes também as outras formas de comunicação. É através da comunicação que podemos iniciar a pesquisa, que nos levará a associações importantes. Por exemplo, através de uma comunicação em tom de voz queixoso poderemos investigar o motivo desse tom e chegar a esclarecer, eventualmente, sobre alguma fantasia de perseguição em que o sujeito

sente-se vítima de outro. Um olhar mais agressivo ou um jeito de sentar na poltrona sem relaxar poderia sugerir também algo importante para se pesquisar, assim como um ato falho ou um lapso cometido durante um relato.

CONTRIBUIÇÕES DE FREUD PARA OS GRUPOS

Se percorrermos a obra do criador da psicanálise, veremos que deu valiosas contribuições para o estudo da grupalidade, tema a que deu grande importância. Freud trouxe tais contribuições para a psicologia dos grupos humanos principalmente em cinco trabalhos: *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910); *Totem e tabu* (1913); *Psicologia das massas e análise do ego* (1921); *O futuro de uma ilusão* (1927); *O Mal-estar na civilização* (1930).

Em 1910 Freud diz: ...“o êxito que a terapia passa a ter no indivíduo haverá de obtê-la igualmente na coletividade”.

Em 1913, em *Totem e tabu*, ele mostra que transmitimos as leis sociais, por intermédio do inconsciente. Essas leis sociais é que produzem a cultura.

Em 1921, em *Psicologia de grupo e análise do Ego*, Freud faz uma revisão sobre a psicologia das massas e dos grandes grupos artificiais (Igreja e Exército), discorrendo sobre os processos identificatórios, as lideranças e as forças de coesão e de desagregação grupal. Diz então que “a psicologia individual e a social não diferem em sua essência”.

Quanto às forças de coesão e desagregação grupal, Freud ilustrou com uma metáfora de Schopenhauer, que se refere a um grupo de porcos-espinhos que habitam as estepes geladas dos países nórdicos In (Freud, 1921. p.128):

“Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o segundo mal surgiu novamente. Dessa maneira foram impulsionados, para trás e para a frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir.”

O contínuo movimento de aproximação e afastamento, Freud relaciona com a natureza das relações emocionais que existem entre os homens em geral: “De acordo com o famoso símile schopenhaueriano dos porcos-espinhos que se congelam, nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo” (Freud, 1921, p. 128).

CLASSIFICAÇÃO DO TRABALHO GRUPAL

Não importa se conhecemos ou não as teorias grupais e se gostamos ou não de grupos; o fato é que eles existem dentro e fora de nós o tempo todo.

Em qualquer grupo os níveis conscientes e inconscientes de funcionamento grupal são os mesmos, e os participantes têm as mesmas aflições e pedidos básicos. O que deve variar é a atitude do coordenador do grupo, que, “de acordo com os diversos objetivos irá reagir ao grupo diferentemente, desde que esse coordenador tenha clareza dos objetivos almejados e capacidade de se manter dentro dos limites pertinentes aos mesmos” (Fernandes; Svartman; Fernandes, 2003).

Há muitas possibilidades de classificação. A classificação principal para nós é a seguinte: Grupos com Finalidades Operativas e Grupos com Finalidades Terapêuticas.

GRUPOS COM FINALIDADES OPERATIVAS

São os grupos realizados com objetivo de esclarecer temas, situações, tarefas e vicissitudes em sua realização, proporcionando assim algum aprendizado que favoreça o progresso daquelas pessoas, individualmente ou como equipe.

É claro, que - em certa medida - sempre serão terapêuticos também, apesar de não terem essa finalidade precípua. Da mesma forma, os grupos terapêuticos proporcionam alto grau de aprendizagem.

Nos grupos com finalidades operativas em princípio não faremos interpretações individuais e evitaremos tocar nas transferências (embora estejam sendo percebidas por nós). O que poderemos interpretar, se necessário, serão as questões relacionadas com a tarefa proposta ou com a instituição onde ocorre o grupo.

Veremos agora um pouco sobre os principais grupos com finalidades operativas, começando pelo modelo básico, o chamado Grupo Operativo.

GRUPOS OPERATIVOS

Pode-se conceituar o Grupo Operativo como *um conjunto de pessoas com objetivos comuns, que, trabalhando como equipe, fazem um treinamento para encontrar os empecilhos na realização de suas tarefas.*

Na Argentina, Enrique Pichon-Rivière, estimulado pelos conhecimentos de Kurt Lewin, Bion e Foulkes, elaborou, a partir de 1958, teorias e técnicas dos Grupos Operativos, combinando algumas contribuições de coordenação dinâmica e da psicanálise, sempre com o objetivo de apoiar e manter uma tarefa - *o aprendizado.*

Possuímos um **esquema referencial** - *um conjunto de conhecimentos e de atitudes utilizados nas vinculações*. Cada integrante tem um esquema de referência, mas com o trabalho grupal vai se configurando um ECRO (Esquema Conceitual Referencial Operativo) grupal comum. A tarefa prioritária no Grupo Operativo é a elaboração de um esquema referencial comum, sendo que, normalmente, o grupo passa de estereotipado para uma estrutura com maior mobilidade de papéis.

A grande indicação dos Grupos Operativos até os dias de hoje é investigar o que *facilita ou emperra a aprendizagem*.

OS GRUPOS PSICANALÍTICOS DE REFLEXÃO

Alguns colegas argentinos procuraram adaptar, na década de 1970, experiência anterior, de sucesso, para uso na formação de grupoterapeutas, como relatado no livro "Grupos de Reflexión" (Dellarossa, 1979).

O Grupo de Reflexão é uma modalidade dos Grupos Operativos. O fato de não existir um tema pré-fixado deixa um espaço pouco definido, que facilita projeções e a construção do tema pelos próprios participantes.

Tais grupos preferencialmente são usados na formação de profissionais de Saúde Mental, sendo que a tarefa é bem ampla: mostrar os temas manifestos; explicitar os conflitos que dificultam o trabalho; explicitar as leis do funcionamento dos grupos - implícitas em suas dramatizações inconscientes; relacionar essas leis com os acontecimentos vivenciados e com o curso teórico.

Uma das vantagens de se incluir na formação os GR é permitir aos alunos viverem a experiência de participar como membros de um grupo na instituição, sem que isso seja levado em conta na avaliação dos mesmos (só a presença mínima).

Atualmente se usa os Grupos de Reflexão nas universidades e nos institutos de formação para terapeutas e coordenadores de grupo. Temos utilizado também esse dispositivo de trabalho grupal para intervenções em instituições formadoras e como vivências em congressos.

Um aspecto que deve ser ressaltado é que não existe um Grupo de Reflexão sobre alguma coisa, tipo AIDS, Hipertensão, etc. Conceitualmente, *os Grupos de Reflexão não têm um tema predeterminado*; quando há um tema predeterminado, trabalhamos com Grupos de Discussão.

OS GRUPOS PSICANALÍTICOS DE DISCUSSÃO

O GD é uma modalidade de Grupo Operativo, com tarefa restrita à discussão de tema(s) e do contexto em que ocorrem. "O objetivo é fazer circular o saber, o pensar de cada

participante, despertar associações e formar conhecimento, procurando horizontalizar o saber e a prática de cada um” (Fernandes; Fernandes, 1998).

Na prática, após algumas apresentações em mesa redonda ou conferência, passamos à discussão dos temas, em grupo, coordenado se possível em duplas. Com isso, procuramos quebrar, pelo menos parcialmente, o nível de funcionamento grupal de dependência, tradicional nos congressos, partindo para uma **discussão horizontal e criativa**.

O coordenador tem de estar muito atento frente às dificuldades inerentes a essa modalidade de grupo, procurando esclarecer, facilitar a circulação dos temas e dos participantes, evitando polêmicas intermináveis e monopolizações, procurando atingir, então, a discussão horizontal esperada.

Para tanto é importante situar e comprometer o grupo, reforçando quais os objetivos e limites do Grupo de Discussão - uma tarefa compartilhada. Frente à insistência do grupo em obter respostas dos palestrantes presentes, o coordenador pode sugerir que primeiramente os demais participantes discutam, para posteriormente os palestrantes opinarem.

Apesar de todos esses cuidados, por vezes, palestrantes de renome não suportam o trabalho grupal, que evidentemente implica em certo altruísmo, e se recusam ou não conseguem se adaptar ao esquema democrático de discussão. Em outras ocasiões, há um conluio entre expositores e parte do público, mantendo o esquema tradicional de perguntas e respostas, inibindo a parcela do grupo que deseja discutir mais amplamente, e não respeitando a coordenação.

Isso vale também para o trabalho com a grupalidade em geral: para trabalhar com grupos é preciso que o narcisismo dê lugar a um certo altruísmo, como Freud já afirmara em Psicologia das Massas: “...E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo” (Freud, S., 1921. p. 130).

Algumas das indicações dos Grupos de Discussão ocorrem no trabalho não terapêutico com mães, diabéticos, tabagistas, hipertensos, assim como no ensino, etc..

GRUPOS COM FINALIDADES TERAPÊUTICAS

São as formas de psicoterapia grupal em que, além da meta terapêutica, como alívio ou eliminação de sintomas, desenvolvimento de comportamentos mais saudáveis, etc., existe também a procura do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal.

As principais teorias que apóiam esse tipo de trabalho são de inspiração psicanalítica, havendo atualmente uma preocupação mundial em pesquisar e procurar elaborar teorias próprias de grupo. Há outras correntes importantes, como o Psicodrama de Moreno, por exemplo, que não podem ser deixadas de lado.

Podemos ter objetivos mais específicos ou de maior abrangência, assim como com relação ao tempo, limitado ou não, como ocorre nas terapias breves grupais.

No Brasil, através do trabalho em Comunidades Terapêuticas, consideramos Grupos Operativos também a atividade grupal realizada com pacientes internados, com pautas predeterminadas. Assim, reconhecemos que os grupos operativos, como ideologia, podem ser vistos também como terapêuticos, dependendo da tarefa.

Podemos ainda considerar como grupos terapêuticos os grupos de auto-ajuda, para alcoolistas, drogadictos, pacientes com distúrbios alimentares, cardíacos, pós-cirurgizados, etc.

IMPORTÂNCIA GERAL DOS GRUPOS HOJE

Lembrando de Fernando Pessoa (“Navegar e preciso”), Osorio (2003) enfatiza que aprender a trabalhar com grupos é preciso, *em dois sentidos*, no sentido de que é necessário, mas também “...de algo que cada vez se faz com mais precisão e menos empiricamente...”.

Cada vez mais são usados os grupos no ensino, privilegiando a discussão em vez de apenas se oferecer informação. Da mesma forma, no campo da saúde, grupos preventivos em que se discutem condutas e hábitos alimentares, cuidados com determinadas doenças, etc., vão ganhando terreno, deixando de lado a mera orientação, situação em que “alguém que sabe” ensina “os que não sabem”. Grupos de espera, grupos em hospital-geral, grupos de familiares, grupos de doentes específicos, grupos de dor crônica, e poderíamos citar muitos mais - tais são as possibilidades que existem hoje e que vão abrindo novos caminhos para o futuro.

Finalizando, poderíamos dizer que o trabalho grupal psicanalítico, quando com finalidades terapêuticas, visa proporcionar elaboração mental e desenvolvimento do pensamento grupal. Já o trabalho grupal psicanalítico com finalidades operativas pode facilitar esclarecimentos importantes, assim como aprender com o relato das experiências dos outros, além de auxiliar as equipes em sua organização e os grupos de aprendizagem a aprenderem a aprender. É função do coordenador do grupo oferecer condições para que cada um desses objetivos e possibilidades possa ocorrer, sendo fundamental, portanto, que esse coordenador esteja preparado para essa importante tarefa.

Como a maioria dos participantes de grupos, mesmo em se tratando de grupos terapêuticos, não está em busca de esclarecer o passado, mas sim de melhorar a qualidade de vida presente e futura, pode-se concluir que *o grupo é o espaço continente e facilitador da busca de condições para um futuro melhor.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELLAROSSA, A. **Grupos de reflexión**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1979. 172p.

FERNANDES, B.S.; FERNANDES, W.J. (1998) Comunidade terapêutica. In: BETARELLO, S. V. (org.). **Perspectivas psicodinâmicas em psiquiatria**. São Paulo: Lemos Editorial, 1998. p.333-345.

FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, W.J. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 300p.

FREUD, S. (1921) **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v XVIII. p.89-179.

OSORIO, L.C. Entendendo e atendendo Sistemas humanos. In: FERNANDES; W.J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B.S. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983. 181p.

SARTRE, J.P. (1960) Del grupo a la historia. In **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires, Paidós, 1973.

ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.58, 72, 171.

ZIMERMAN, D.E. Grupos de Reflexão. **Rev. GrupAL** 01. São Paulo: p.47-51, 1991.

Endereço para correspondência

Waldemar José Fernandes
E-mail: wb.fernandes@terra.com.br

Recebido em 22/01/2003.

1ª Revisão em 28/01/2003.

Aceite final em 13/02/2003.

¹ Médico especialista em psiquiatria pela ABP, grupanalista, membro fundador e docente do NESME - Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares e da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo.